

Eleições presidenciais nos Estados Unidos da América (EUA)

RES-PUBLICA

*Revista Lusófona
de Ciência Política
e Relações Internacionais
2005, 1, 263-65*

Rui Oliveira e Costa

Director Técnico da Eurosondagem

O sistema eleitoral dos EUA é sólido e consistente.

Não teve até hoje nenhuma alteração a nível Federal, e Estadual só duas que adiante referiremos. Aliás na linha da Constituição Norte Americana, que nunca teve uma revisão, e tão só emendas. E entre estas e no que concerne ao Presidente, uma e importantíssima. Após a quarta vitória consecutiva de F.D. Roosevelt, designadamente sobre Hoover, London, Willkie e Dewey, a de determinar uma única hipótese de reeleição sucessiva.

Em termos de eleição propriamente dita, o sistema, é o definido na convenção de Filadélfia, por JOHN ADAMS, THOMAS JEFFERSON, GEORGE WASHINGTON, BENJAMIN FRANKLIN e outros “País” da Nação, que consiste no seguinte:

Quem tem mais votos num Estado, “ganha” todos os grandes Eleitores que a esse Estado estão atribuídos. Não há pois proporcionalidade. Cada estado dos EUA só tem posteriormente em Janeiro, na autêntica eleição do Presidente e do Vice Presidente dos EUA uma posição - há boa maneira americana - a do vencedor no seu seio. Chamam-lhe, e com razão, “quem ganha leva tudo”.

E como são atribuídos a cada Estado o número de Grandes Eleitores?

Numa forma proporcional ao número de eleitores com correcção favorável aos Estados com menos população.

De facto, o Congresso dos Estados Unidos é composto por uma Câmara Alta (Senado) e uma Câmara Baixa (Representantes). A discussão em Filadélfia e não só, foi longa e acalorada. De um

lado a tese -cada Estado é um Estado- De outro - cada cidadão é um voto. *Ambos defensáveis*. O equilíbrio alcançado, e que ainda hoje perdura e não é questionável, atribuiu a cada Estado 2 (dois) Senadores independentemente da sua população eleitoral e um número de Representantes (Deputados na versão Europeia) proporcional ao número de inscritos nos cadernos eleitorais.

Como se sabe, quase todas as grandes decisões legislativas e não só, necessitam da aprovação das duas Câmaras. Temos pois que o número de Grandes Eleitores (para as Presidenciais) de cada Estado é a soma dos seus Senadores (sempre dois) e dos seus Representantes (435 no total repartidos entre os Estados proporcionalmente aos potenciais eleitores). Daqui resultam 535 a que se somam mais três correspondentes do Distrito de Columbia que alberga a capital federal.

Como se verifica, a composição de número de Grandes Eleitores tem um vector fixo e igual para todos os Estados e um proporcional. Não me ocorre melhor designação para o sistema que a de “proporcional com correcção”, favorecendo esta os “pequenos”.

O sistema tem funcionado, embora permita e mais do que isso admita que o vencedor das Eleições Presidenciais não tenha obtido o maior número de votos “populares”. Para além de GEORGE BUSH, três casos ocorreram anteriormente:

JOHN QUINCY ADAMS em 1824,
RUTHERFORD HAYES em 1876 e
BENJAMIN HARRISON em 1888,

Foram eleitos Presidentes dos EUA com menos votos que JACKSON, TILDEN e CLEVELAND, no caso do General JACKSON, do então Partido Democrata Republicano e os dois últimos Democratistas.

Nas eleições de 2000 a questão foi a veracidade dos votos na Florida, e não o sistema eleitoral. Este teve aliás, duas alterações Estaduais. O Maine em 1969 e o Nebraska em 1991 no mesmo sentido, e que consiste em que nestes Estados, (aliás, com poucos Grandes Eleitores, o Maine (4) e o Nebraska (5), no seguinte. Quem tem mais votos no Estado ganha (2) dois Grandes Eleitores correspondentes ao número de Senadores.

Os restantes Grandes Eleitores, - dois e três respectivamente, são eleitos individualmente em círculos eleitorais correspondentes à eleição dos Representantes destes Estados.

Em caso de empate (269-269), ou em caso de um terceiro candidato alcançar Grandes Eleitores que não permite a nenhum candidato atingir os 270 votos no colégio eleitoral, cabe à Câmara de Representantes eleger o Presidente e ao senado o Vice Presidente.

THOMAS JEFFERSON em 1800 e
JOHN QUINCY ADAMS em 1824,
foram assim eleitos.

Partidos Políticos

O sistema Político Norte Americano - é claramente Bi-Partidário, com incursões de terceiras vias, sempre sem sucesso mas algumas vezes com importância decisiva no desfecho eleitoral (ROSS PEROT em 1992 imprescindível para a vitória de BIL CLINTON e NADER em 2000 teve influência na derrota de GORE).

Inicialmente os dois grandes Partidos foram o Federalista (de GEORGE WASHINGTON e JOHN ADAMS) e o Democrático-Republicano (de

THOMAS JEFFERSON e JAMES MADISON). Este último cindiu-se em 1828, dando origem aos actuais Partidos Democrata e Republicano que dominaram até hoje.

Têm lógicas e comportamentos diferenciados; os Democratistas mais liberais (à esquerda no conceito norte-americano) e os Republicanos mais conservadores, e logo à direita.

Se hoje assim é, a verdade é que numa revisão da História Política Norte-Americana nos deixa perplexos. É que o Partido Democrata era Sulista e o Republicano Nortista (a começar por ABRAHAM LINCOLN e ULISSES GRANT). E os Democratistas tiveram cisões Sulistas bem à direita como HARRY BYRD (no tempo de Kennedy) e GEORGE WALLACE (quando das candidaturas de HUMPHREY e MC GOVERN)

As eleições Presidenciais dos EUA dos últimos 30 anos, dão-nos algumas indicações.

Os Democratistas são fortes na Nova Inglaterra (Nordeste), e nos Estados do Pacífico (Costa Oeste).

Os Republicanos predominam nos Estados Montanhosos (Oeste) e nos Estados Sulistas (Sudeste).

Os Estados do Médio Oeste e dos Grandes Lagos, (principalmente estes dado o seu apreciável número de Grandes Eleitores) e os do Sudeste Central são oscilantes e logo determinantes.

Mas as regras também se quebram e as excepções vão surgindo.

Mas a lógica (relativa, é certo), mantêm-se. Nos últimos 30 anos nenhum Republicano ganhou no Distrito de Columbia e só uma vez venceu na Minnesota. Por outro lado, neste mesmos últimos 30 anos nenhum Democrata venceu no ALASKA, IDAHO, INDIANA, KANSAS, NEBRASKA, OKLAHOMA ou nos DAKOTAS.

Um Democrata para ganhar tem que vencer Nova York (salvo THUMAN). Um Republicano tem

que conquistar a Califórnia (salvo BUSH). São exceções à regra.

Mas também há regras sem exceção. Um Democrata não chega à Sala Oval sem vencer MASSACHUSETTS e um Republicano tem obrigatoriamente que ganhar em OHIO.

Uma última nota, para reflexão. Quando das eleições Presidenciais (em 2000) a população da EUA era de 286,5 milhões de habitantes. Estavam recenseados 205,8 milhões. Participaram nas eleições 105,6 milhões. Votaram em GEORGE BUSH 50,5 milhões, o equivalente a 17,6% dos cidadãos. Quem acha que a opinião pública ganha eleições, pode enganar-se.